

Lehmann

Ángela Jiménez Durán
The Word for World is Poem
*A Palavra para Mundo
é Poema*

26.09.2026

07.11.2026

PT

ES

EN

Lehmann

Ángela Jiménez Durán The Word for World is Poem *A Palavra para Mundo é Poema*

[PT]

26.09.2026

07.11.2026

The Word for World is Poem / A Palavra para Mundo é Poema é a primeira exposição individual de Ángela Jiménez Durán (n. 1996, Madrid; vive e trabalha em Paris) na galeria Lehmann.

O título da exposição inspira-se no romance de referência de ficção científica de Ursula K. Le Guin, *The Word for World is Forest (Floresta é o Nome do Mundo)*, no qual uma língua alienígena utiliza uma única palavra para designar simultaneamente “mundo” e “floresta”. A partir desta sobreposição ecológica e linguística, Jiménez Durán constrói um território onde a poesia se torna o princípio fundamental para a construção do mundo.

Reunindo pintura, escultura e instalação, a exposição convida o público a entrar numa coreografia de entidades e poemas, que invoca a investigação contínua da artista em torno dos quatro elementos, da transformação da matéria e da ficção geológica. Ao interagir com a agência da matéria, Jiménez Durán dilui as fronteiras entre o humano e o não-humano, desenvolvendo o seu trabalho como uma narrativa descontínua na qual materialidades e elementos ficcionais se entrelaçam para imaginar futuros incertos.

[PT]
Canto (para Ángela Jiménez Durán)

E as águas vieram todas
à hora certa
para ouvir o teu canto.
E umas caíram do céu,
algumas deslizaram
ribanceira abaixo
e outras brotaram,
tipo géiser,
desde o centro da terra,
na certeza concreta
de que o poema
que entregas
é um destes lugares
airosos da possibilidade
de continuarmos.
E poucas coisas mais
emocionantes:
oferecer ao mundo
o poema
que o continua.

A palavra para mundo é poema funciona como um biombo de três folhas onde encontramos três figuras:

A palavra.
O mundo.
O poema.

Como uma carta de amor que se abre com a curiosidade de receber o carinho sobre o papel, o biombo entrega as suas imagens uma a uma, tal e qual um tarot baralhado para um encontro com o tempo. E, quando é recolhido, depois de dias aberto, e os painéis se encontram, já dobrados, conta-nos:

Uma palavra é um mundo, é um poema, e é um mundo novamente.

Um poema é uma configuração elementar que reúne as janelas de todas as casas onde já vivemos e as vai polindo, até ficarem apenas e só as formas das caixilharias, limpas e já afastadas do seu valor utilitário. Encontrar o nosso poema é permitir-nos colecionar todas as aberturas dos lugares por onde entrava a luz que, ao contrário de quase tudo, não negocia a ocupação do espaço.

Na revelação de ser a poesia o meio fundamental de conjugação do mundo, será o exercício do verso a força motriz por detrás do sustento diário. A brilhante Natália Correia dizia aos subalimentados do sonho que a poesia é para comer, fonte de potência única e vital. Ao contrário dos alimentos que se ingerem pela boca, este não escolhemos, já que nos entra pelos ouvidos e pelos olhos adentro: casa sua, este corpo.

A poesia é generosa e luminosa como a luz e, assim, de cada vez que nos entregamos e nos abrimos ao poema, redistribuem-se as imagens do essencial. Afinal, o que de mais justo podemos fazer com a nossa vida é entregar-lhe o seu canto. E tudo o que não seja isso se julgará parco, será mesmo muito pouco, e nem nos lembraremos, nós ou qualquer outra entidade.

Entregar o canto.

É certo que a água é o meio de transporte e de comunicação mais antigo que conhecemos. O canto são palavras misturadas com água e é por essa razão que as pessoas às vezes se babam quando cantam ou lacrimam assim que se emocionam enquanto falam do belo, que é a mesma coisa. Como se toda a água existente no corpo se manifestasse nos momentos em que contamos as nossas histórias mais íntimas, vulneráveis e queridas, num movimento único que o quer extravasar, tal o entusiasmo pela expressão do que corre lá dentro, impulsionado por um jorro de energia. E até o suor, temperado com sal, aparece a expandir-se livremente pela pele.

As frases que correm em linho esticado, a matéria aparentemente húmida e brilhante dos seres convocados, cor de lua cheia, e a argila em barro cru, musculada. Tudo isto é Ángela Jiménez Durán a revelar-nos o seu canto. E, para no-lo cantar, escolhe como título *A palavra para mundo é poema*, em companhia directa do livro de Ursula K. Le Guin, *The Word for World Is Forest*, porque abrir-nos também é reunir-nos a quem sentimos próximo de nós, e isso ultrapassa sempre as convenções do espaço e do tempo.

Podemos então ler a exposição a partir de três actos: o mundo apresentado pelos entes queridos, seres antepassados convidados para este momento; a integração do verbo nas telas de linho, qual paisagem aquática coreografada; e o mundo interior, que irrompe do piso inferior e alimenta a existência com vigor.

A sensação de que há uma matéria civilizacional, verbal, a circular, que constrói e é construída pela história, acompanhada pelos seres antigos que a visitam e pela própria água, é posta em perspectiva pela robustez da matéria crua, que irrompe do subsolo com uma jovialidade sensual. Conhecedores do seu encanto, os antepassados desejam conhecer o seu reverso e, por isso, permanecem na sala até ao fim.

Uma das entidades presentes é o próprio Balzac, numa referência directa de Jiménez Durán à escultura em bronze do escritor, encomendada a Rodin e exposta no espaço público em Paris em 1939. Balzac pensava a água como um acesso directo à nostalgia, ao contrário das montanhas e da paisagem verde, que a resolvem. Talvez a sua presença na sala se prenda com a curiosidade de conhecer este barro novo, recém-chegado e aventureiro nos seus modos; talvez tenha ainda algo mais para nos contar.

E lá estaremos, nós e as obras, para o ouvir. A escultura que nos recebe à entrada, ouvido do universo, diz-nos que este é um lugar de escuta constante: de quem visita, mas também de quem está, as próprias obras, em contínuo processo de desenvolvimento e abertura ao *momentum*.

Filipa da Rocha Nunes
Setembro de 2026

Um agradecimento especial àqueles que tornaram possível esta exposição, com a sua energia, as suas mãos e a sua presença: Marlon de Azambuja, Frederick & Ana Lehmann, Claudia Carrasqueira, Joana Borges, Ana Carvalho, Anna April, Ana Marta Sá, Ana Marques, Bruno Silva, Isabel Durán, José Jiménez.

Ángela Jiménez Durán

01.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

Valve XIII, 2026

Papel Kraft, madeira, papel maché,
tecido, gesso, parafina
150 × 60 × 55 cm

02.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

The Word for World is Poem, 2026

Tinta Japonesa à base de cinza
e acrílico sobre linho natural
170 × 290 cm

03.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

Vesicomys, 2026

Papel Kraft, madeira, papel maché,
tecido, gesso, cera, parafina
170 × 54 × 70 cm

04.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

The Archaeologists, 2026

Tinta Japonesa à base de cinza e acrílico
sobre linho natural
120 × 120 cm

05.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

Valva XI, 2026

Papel Kraft, madeira, papel maché,
tecido, gesso, cera, parafina
168 × 40 × 40 cm

06.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

The Era of Temperature, 2025

Tinta Japonesa à base de cinza
e acrílico sobre linho natural
170 × 290 cm

07.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

Cerith, 2026

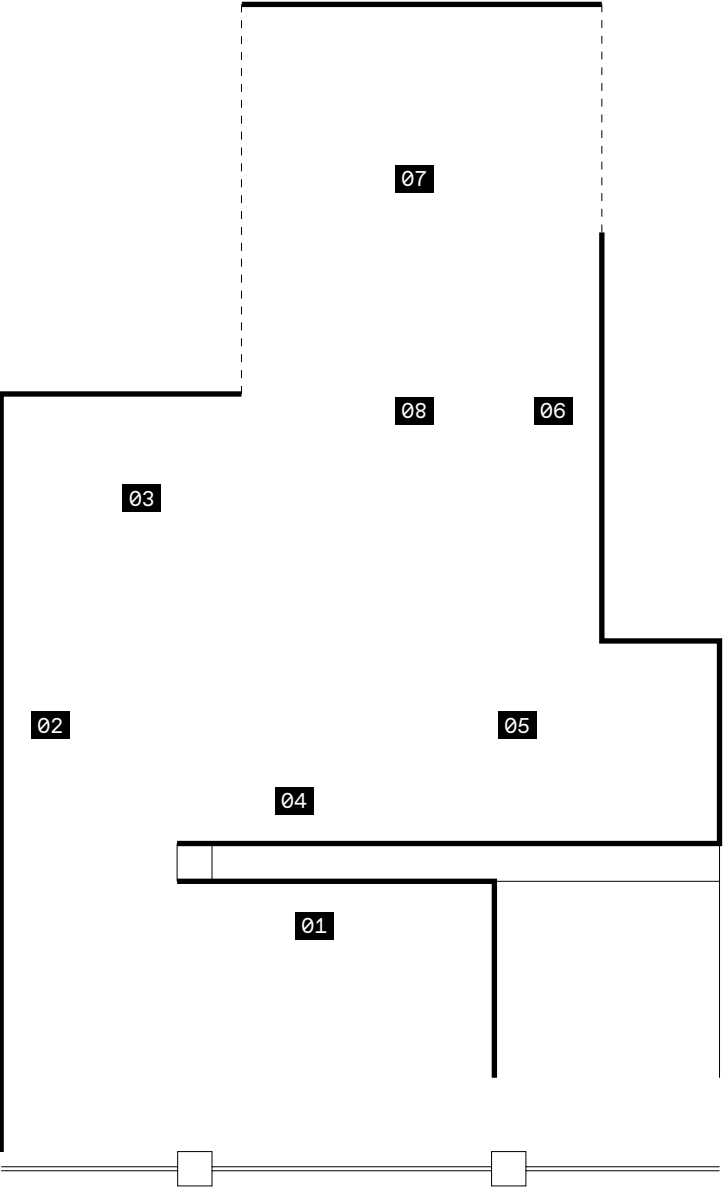
Papel Kraft, madeira, papel maché,
tecido, gesso, cera, parafina
161,5 × 71 × 61 cm

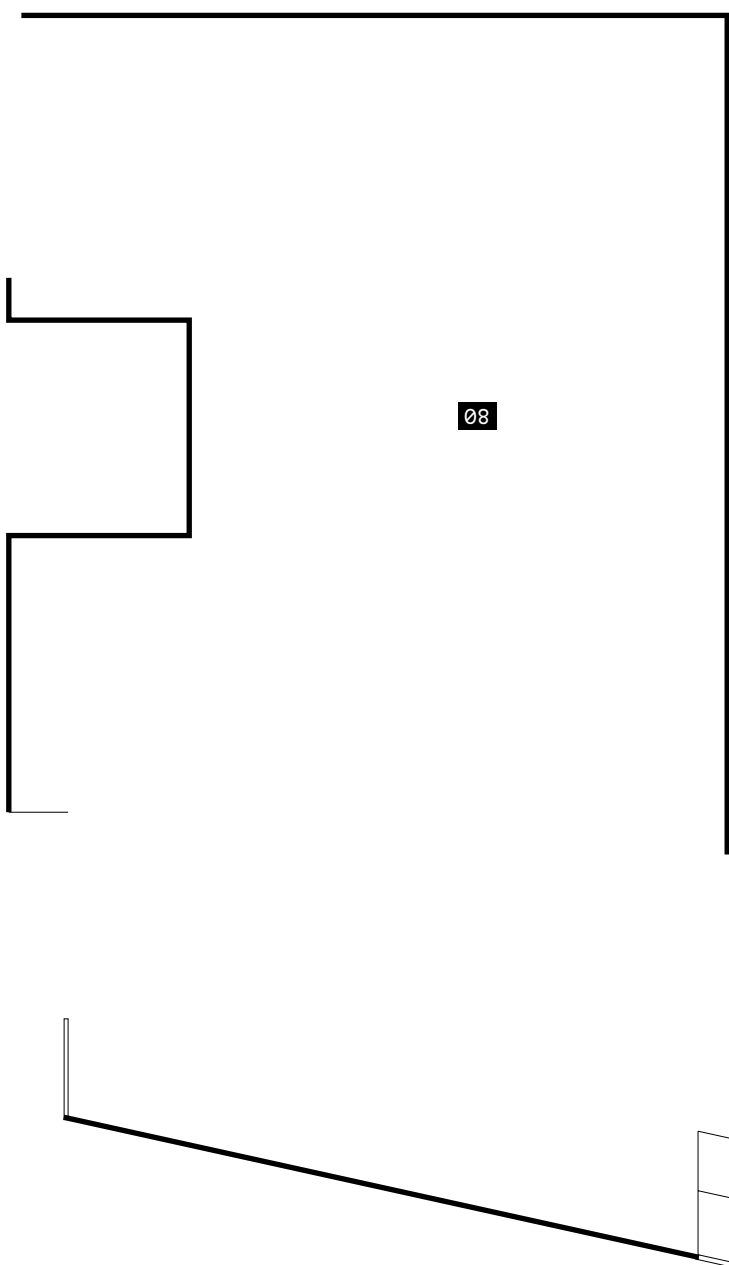
08.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

A spiral is a spiral is a spiral, 2026

Instalação: argila, água, cola, tecido,
madeira, ferro, mantas térmicas





Lehmann

Ángela Jiménez Durán The Word for World is Poem *A Palavra para Mundo é Poema*

[ES]

26.09.2026

07.11.2026

The Word for World is Poem / A Palavra para Mundo é Poema es la primera exposición individual de Ángela Jiménez Durán (n. 1996, Madrid; vive y trabaja en París) en la galería Lehmann.

El título de la exposición se inspira en la influyente novela de ciencia ficción de Ursula K. Le Guin, *The Word for World is Forest (El Nombre del Mundo es Bosque)*, en la que una lengua alienígena utiliza una sola palabra para referirse tanto a “mundo” como a “bosque”. A partir de esta superposición ecológica y lingüística, Jiménez Durán construye un territorio donde la poesía se convierte en el principio fundador de la construcción de mundos.

A través de la pintura, la escultura y la instalación, la exposición adentra al visitante en una coreografía de entidades y poemas, que invoca la investigación continua de la artista sobre los cuatro elementos, la transformación de la materia y la ficción geológica. Al interactuar con la agencia de la materia, Jiménez Durán desdibuja los límites entre lo humano y lo no humano, desarrollando su trabajo como una narrativa discontinua en la que materialidades y elementos ficcionales se entrelazan para imaginar futuros inciertos.

[ES]
Canto (para Ángela Jiménez Durán)

Y las aguas vinieron todas
a la hora exacta
para escuchar tu canto.
Y unas cayeron del cielo,
algunas se deslizaron
barranco abajo
y otras brotaron,
tipo géiser,
desde el centro de la tierra,
en la certeza concreta
de que el poema
que entregas
es uno de estos lugares
airosos de la posibilidad
de que continuemos.
Y pocas cosas más
emocionantes:
ofrecer al mundo
el poema
que lo continúa.

The Word for World is Poem [El Nombre del Mundo es Poema] funciona como un biombo de tres hojas donde encontramos tres figuras:

La palabra.

El mundo.

El poema.

Como una carta de amor que se abre con la curiosidad de recibir el cariño sobre el papel, el biombo entrega sus imágenes una a una, tal cual un tarot barajado para un encuentro con el tiempo. Y, cuando se recoge, tras días abierto, y los paneles se encuentran, ya plegados, nos cuenta:

Una palabra es un mundo, es un poema, y es un mundo nuevamente.

Un poema es una configuración elemental que reúne las ventanas de todas las casas en las que alguna vez hemos vivido y las va puliendo, hasta quedar única y exclusivamente las formas de la cerrajería y los marcos, limpios y ya desprovistos de su valor utilitario. Encontrar nuestro poema es permitirnos coleccionar todas las aberturas de los lugares por donde entraba la luz que, al contrario de casi todo, no negocia la ocupación del espacio.

En la revelación de ser la poesía el medio fundamental de conjugación del mundo, será el ejercicio del verso la fuerza motriz detrás del sustento diario. La brillante Natália Correia les decía a los subalimentados de sueño que la poesía es para comer, fuente de potencia única y vital. Al contrario de los alimentos que se ingieren por la boca, este no lo elegimos, ya que nos entra por los oídos y por los ojos adentro: su propia casa, este cuerpo.

La poesía es generosa y luminosa como la luz y, así, cada vez que nos entregamos y nos abrimos al poema, se redistribuyen las imágenes de lo esencial. Al fin y al cabo, lo más justo que podemos hacer con nuestra vida es entregarle su canto. Y todo lo que no sea eso se juzgará parco, será verdaderamente muy poco, y ni nos acordaremos, ni nosotros ni ninguna otra entidad.

Entregar el canto.

Es cierto que el agua es el medio de transporte y de comunicación más antiguo que conocemos. El canto son palabras mezcladas con agua y es por esa razón por la que las personas a veces babea cuando cantan o se les saltan las lágrimas en cuanto se emocionan al hablar de lo bello, que es la misma cosa. Como si toda el agua existente en el cuerpo se manifestara en los momentos en que contamos nuestras historias más íntimas, vulnerables y queridas, en un movimiento único que la quiere desbordar, tal es el entusiasmo por la expresión de lo que corre ahí dentro, impulsado por un chorro de energía. E incluso el sudor, sazonado con sal, aparece expandiéndose libremente por la piel.

Las frases que corren sobre lino tensado, la materia aparentemente húmeda y brillante de los seres convocados, color de luna llena, y la arcilla en barro crudo, musculada. Todo esto es Ángela Jiménez Durán revelándonos su canto. Y, para cantárnoslo, escoge como título *The Word for World is Poem [El Nombre del Mundo es Poema]*, en compañía directa del libro de Ursula K. Le Guin, *The Word for World Is Forest (El Nombre del Mundo es Bosque)*, porque abrirnos es también reunirnos con quienes sentimos cerca de nosotros, y eso sobrepasa siempre las convenciones del espacio y del tiempo.

Podemos entonces leer la exposición a partir de tres actos: el mundo presentado por los seres queridos, seres antepasados invitados a este momento; la integración del verbo en los lienzos de lino, cual paisaje acuático coreografiado; y el mundo interior, que irrumpe desde la planta inferior y alimenta la existencia con vigor.

La sensación de que hay una materia civilizatoria, verbal, circulando, que construye y es construida por la historia, acompañada por los seres antiguos que la visitan y por la propia agua, se pone en perspectiva mediante la robustez de la materia cruda, que irrumpe del subsuelo con una jovialidad sensual. Conocedores de su encanto, los antepasados desean conocer su reverso y, por ello, permanecen en la sala hasta el final.

Una de las entidades presentes es el propio Balzac, en una referencia directa de Jiménez Durán a la escultura en bronce del escritor, encargada a Rodin y expuesta en el espacio público en París en 1939. Balzac concebía el agua como un acceso directo a la nostalgia, al contrario que las montañas y el paisaje verde, que la resuelven. Tal vez su presencia en la sala guarde relación con la curiosidad por conocer este barro nuevo, recién llegado y aventurero en sus maneras; tal vez tenga aún algo más que contarnos.

Y allí estaremos, nosotros y las obras, para escucharlo. La escultura que nos recibe a la entrada, oído del universo, nos dice que este es un lugar de escucha constante: de quien visita, pero también de quien está, las propias obras, en continuo proceso de desarrollo y apertura al *momentum*.

Filipa da Rocha Nunes
Septiembre de 2026

Un agradecimiento especial a aquellos que han hecho posible esta exposición, con su energía, sus manos, y su presencia: Marlon de Azambuja, Frederick & Ana Lehmann, Claudia Carrasqueira, Joana Borges, Ana Carvalho, Anna April, Ana Marta Sá, Ana Marques, Bruno Silva, Isabel Durán, José Jiménez.

Ángela Jiménez Durán

01.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

Valve XIII, 2026

Papel kraft, papel maché,
tela, escayola, parafina
150 × 60 × 55 cm

02.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

The Word for World is Poem, 2026

Tinta japonesa a base de ceniza
y acrílico sobre lino natural
170 × 290 cm

03.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

Vesicomyas, 2026

Papel kraft, papel maché,
tela, escayola, cera, parafina
170 × 54 × 70 cm

04.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

The Archaeologists, 2026

Tinta japonesa a base de ceniza
y acrílico sobre lino natural
120 × 120 cm

05.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

Valva XI, 2026

Papel kraft, papel maché,
tela, escayola, cera, parafina
168 × 40 × 40 cm

06.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

The Era of Temperature, 2025

Tinta japonesa a base de ceniza
y acrílico sobre lino natural
170 × 290 cm

07.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

Cerith, 2026

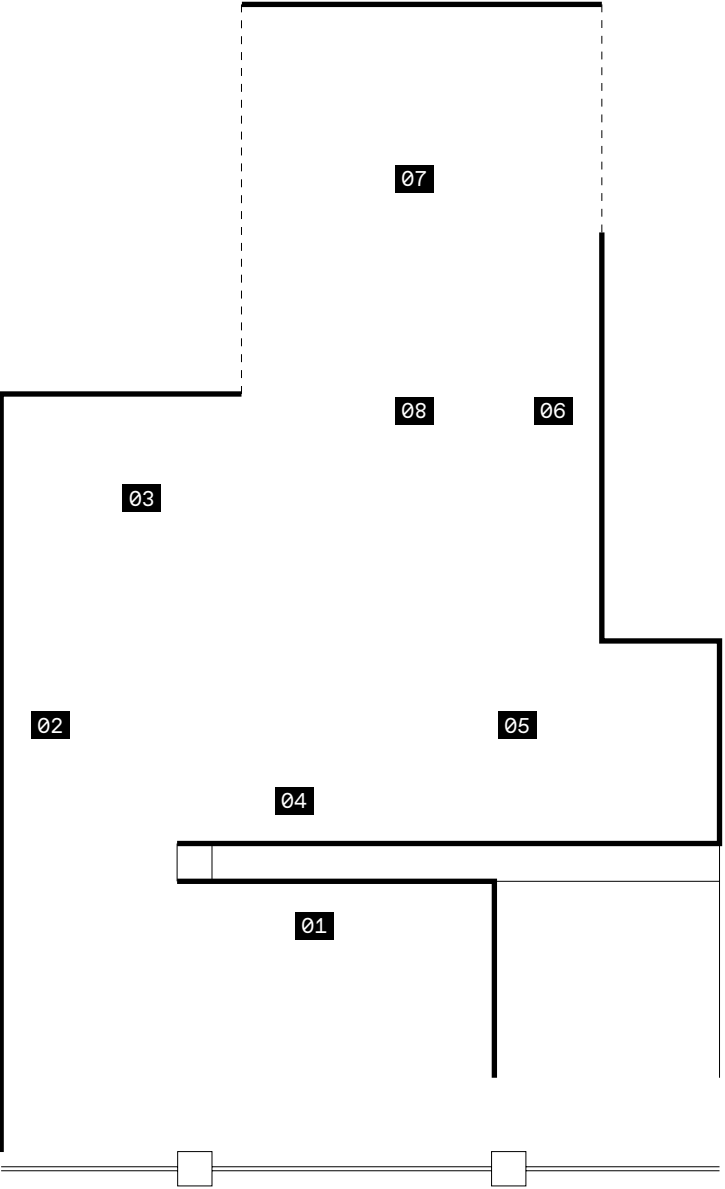
Papel kraft, papel maché,
tela, escayola, cera, parafina
161,5 × 71 × 61 cm

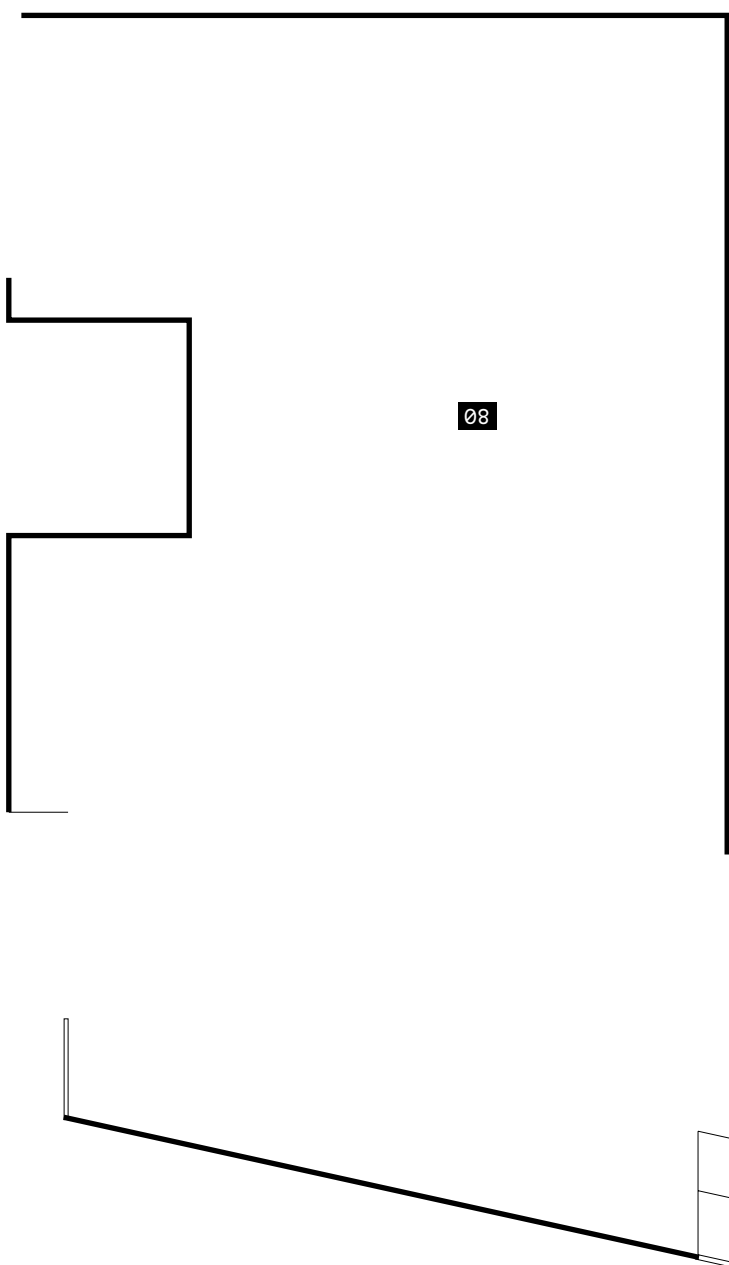
08.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

A spiral is a spiral is a spiral, 2026

Instalación: arcilla, agua, cola, tela,
madera, hierro, mantas térmicas





Lehmann

Ángela Jiménez Durán
The Word for World is Poem
*A Palavra para Mundo
é Poema*

[EN]

26.09.2026

07.11.2026

The Word for World is Poem | A Palavra para Mundo é Poema is the first solo exhibition by Ángela Jiménez Durán (b. 1996, Madrid; lives and works in Paris) at Lehmann Gallery.

The exhibition's title draws inspiration from Ursula K. Le Guin's seminal science fiction novel *The Word for World is Forest*, in which an alien language uses a single word to encompass both "world" and "forest". Borrowing from this ecological and linguistic overlap, Jiménez Durán constructs a territory where poetry becomes the foundational principle for world-building.

Spanning painting, sculpture, and installation, the exhibition draws visitors into a choreography of entities and poems, invoking the artist's ongoing investigation into the four elements, material transformation, and geological fiction. By engaging with the agency of matter, Jiménez Durán blurs the boundaries between the human and the non-human, and her work unfolds as a discontinuous narrative in which materialities and fictional elements intertwine to imagine uncertain futures.

[EN]
Song (for Ángela Jiménez Durán)

*And the waters all came
at the right time
to hear your song.
And some fell from the sky,
some slid
down the embankment
and others gushed forth,
geyser-like,
from the centre of the earth,
in the concrete certainty
that the poem
you deliver
is one of these airy places
of the possibility
of our continuing.
And few things more
moving:
to offer the world
the poem
that continues it.*

The Word for World is Poem functions as a three-leaf screen where we find three figures:

The word.

The world.

The poem.

Like a love letter that is opened with the curiosity of receiving affection upon paper, the screen delivers its images one by one, just like a tarot deck shuffled for an encounter with time. And, when it is gathered, after days of being open, and the panels meet, already folded, it tells us:

A word is a world, is a poem, and is a world once again.

A poem is an elementary configuration that gathers the windows of all the houses where we have ever lived and polishes them, until there remain only and solely the shapes of the frames, clean and already removed from their utilitarian value. To find our poem is to allow ourselves to collect all the openings of the places through which light entered, light that, unlike almost everything, does not negotiate the occupation of space.

In the revelation that poetry is the fundamental means of conjugating the world, the exercise of verse will be the driving force behind daily sustenance. The brilliant Natália Correia used to say to those undernourished of dreams that poetry is to be eaten, a source of unique and vital potency. Unlike food ingested through the mouth, we do not choose this one, as it enters us straight through the ears and the eyes: its own home, this body.

Poetry is generous and luminous like light, and so, each time we give ourselves over and open up to the poem, the images of what is essential are redistributed. After all, the fairest thing we can do with our life is to deliver to it its song. And anything other than that will be judged meagre, it will be very little indeed, and neither we nor any other entity will even remember it.

To deliver the song.

It is certain that water is the oldest means of transport and communication we know. Song is words mixed with water, and that is why people sometimes drool when they sing or tear up as soon as they are moved while speaking of the beautiful, which is the same thing. As if all the water existing in the body manifested itself in the moments when we tell our most intimate, vulnerable, and cherished stories, in a single movement that wishes to overflow it, such is the enthusiasm for the expression of what runs inside, driven by a gush of energy. And even sweat, seasoned with salt, appears expanding freely across the skin.

The sentences running across taut linen, the seemingly damp and shiny matter of the summoned beings, the colour of a full moon, and the clay in raw, muscular earthenware. All of this is Ángela Jiménez Durán revealing her song to us. And, to sing it to us, she chooses as title *The Word for World is Poem*, in direct company of Ursula K. Le Guin's book, *The Word for World Is Forest*, because opening ourselves is also reuniting with those we feel close to us, and that always surpasses the conventions of space and time.

We can then read the exhibition from three acts: the world presented by loved ones, ancestral beings invited for this moment; the integration of the verb into the linen canvases, like a choreographed aquatic landscape; and the inner world, which erupts from the lower floor and feeds existence with vigour.

The feeling that there is a civilisational, verbal matter circulating, which constructs and is constructed by history, accompanied by the ancient beings who visit it and by water itself, is put into perspective by the robustness of the raw matter, which erupts from the subsoil with a sensual playfulness. Knowing its charm, the ancestors wish to know its reverse, and, for that reason, remain in the room until the end.

One of the entities present is Balzac himself, in a direct reference by Jiménez Durán to the bronze sculpture of the writer, commissioned from Rodin and exhibited in public space in Paris in 1939. Balzac thought of water as a direct access to nostalgia, unlike the mountains and the green landscape, which resolve it. Perhaps his presence in the room relates to the curiosity of knowing this new clay, freshly arrived and adventurous in its ways; perhaps he still has something more to tell us.

And there we shall be, we and the works, to listen to him. The sculpture that welcomes us at the entrance, ear of the universe, tells us that this is a place of constant listening: of whoever visits, but also of whoever is there, the works themselves, in a continuous process of development and openness to the *momentum*.

Filipa da Rocha Nunes
September 2026

Special thanks to those who made this exhibition possible, through their energy, their hands, and their presence: Marlon de Azambuja, Frederick & Ana Lehmann, Claudia Carrasqueira, Joana Borges, Ana Carvalho, Anna April, Ana Marta Sá, Ana Marques, Bruno Silva, Isabel Durán, José Jiménez.

Ángela Jiménez Durán

01.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

Valve XIII, 2026

Kraft paper, wood, papier mâché,
fabric, plaster, paraffin
150 × 60 × 55 cm

02.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

The Word for World is Poem, 2026

Japanese ash-based ink and
acrylic on natural linen
170 × 290 cm

03.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

Vesicomys, 2026

Kraft paper, wood, papier mâché,
fabric, plaster, wax, paraffin
170 × 54 × 70 cm

04.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

The Archaeologists, 2026

Japanese ash-based ink and
acrylic on natural linen
120 × 120 cm

05.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

Valva XI, 2026

Kraft paper, wood, papier mâché,
fabric, plaster, wax, paraffin
168 × 40 × 40 cm

06.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

The Era of Temperature, 2025

Japanese ash-based ink
and acrylic on natural linen
170 × 290 cm

07.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

Cerith, 2026

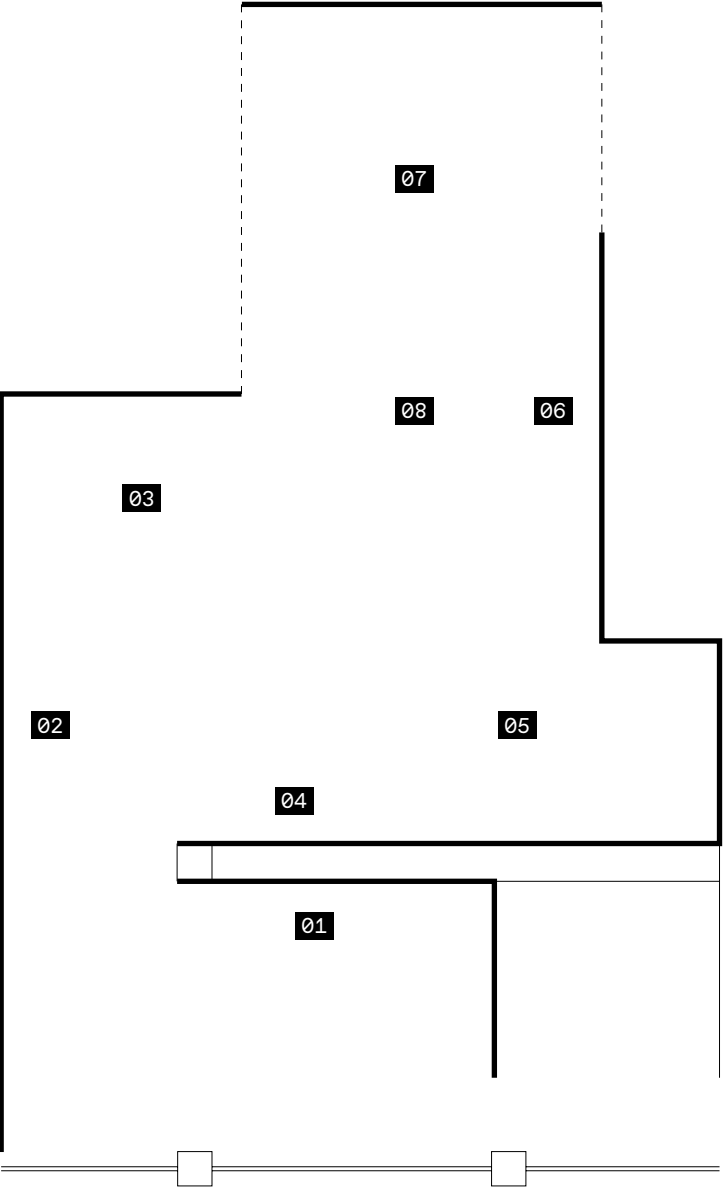
Kraft paper, wood, papier mâché,
fabric, plaster, wax, paraffin
161,5 × 71 × 61 cm

08.

ÁNGELA JIMÉNEZ DURÁN

A spiral is a spiral is a spiral, 2026

Installation: clay, water, glue, fabric,
wood, metal, thermal blankets



FLOOR

- 1

